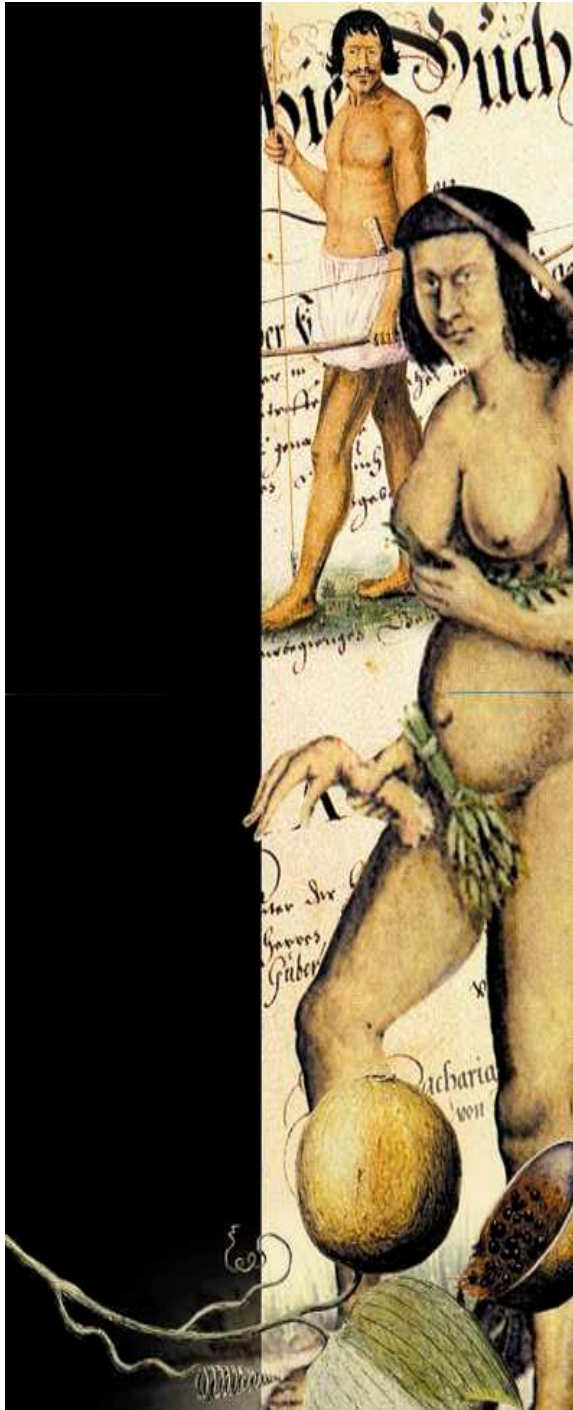


BRASIL HOLANDÊS: NOMES E IMAGENS DA DIVERSIDADE

Erani Stutz
CEDOCH-DL/USP-CNPQ

Não carregues o sobrolho leitor: estamos fora do Lácio e da Grécia. Não foi permitido inventar palavras só para os povos do Velho Mundo. Também para as cousas da América é forçoso e justo criar termos para exprimi-las adequadamente. (Barléu 1647:26)



Pesquisa de imagens séc. XVII de Erani Stutz. Foto-montagem: Hayashi Design. Acervo CEDOCH-DL/USP.

A Holanda assumiu o lugar de potência do século XVII em meio a controvérsias sobre tratados de posse de terras e controle do tráfico comercial entre as colônias e as metrópoles européias. Sua posição privilegiada foi conquistada principalmente por meio dos empreendimentos das duas companhias comerciais sob sua égide, a *Companhia das Índias Ocidentais* e a *Companhia das Índias Orientais*. Graças à primeira, os holandeses se estabeleceram no Brasil em 1630, após várias tentativas e expedições. Dominaram parte das capitanias até o ano de 1654 e mantiveram o Recife como sede da sua administração.

Diferentemente da tradição ibérica católica, foi a curiosidade e o interesse científico, aliados às necessidades de guerra e à busca de riquezas, que trouxeram para o Brasil homens de diferentes procedências, formação e crenças, alguns dos quais nos legaram farto material descritivo sobre a natureza e os costumes dos ‘nativos’. Este material — diários, relatórios e correspondência — ainda que produzido para outros fins que não o lingüístico-pedagógico, tem-se revelado fonte produtiva também para estudos de filologia e, conseqüentemente, interessam à historiografia lingüística brasileira, pelo fato de trazerem registros de vocábulos e comentários sobre línguas.

Assim é que encontramos considerações como as de Willem Piso (1611–1678), cientista e chefe dos serviços médicos na corte de Maurício de Nassau:

Tão grande é a confusão e diversidade de línguas que só por isso nascem guerras mui atrozés e freqüentes; alimentam [os nativos] entre si inimizades perpétuas e cruéis, acima do direito de humanidade e ódio. (Piso 1957[1658]: 53)

As diferenças foram observadas também no âmbito de uma mesma língua, leia-se um exemplo de Piso mais uma vez:



Pesquisa de imagens séc. XVII de Erani Stutz. Foto-montagem: Hayashi Design. Acervo FFLCH-Serviço de Biblioteca e Documentação – Obras raras.

Amoré-guaçu. Amoré-pixuma. Entre os peixes lacustres, têm a primazia também os denominados pelo nome vernáculo geral Amoré, chamados vulgarmente, por corruptela, Amoréa, dos quais se distinguem diversas espécies, pelo acréscimo de um apelido como Amoré-Guaçú, Amoré-Pixuma e Amoré-Tinga. (Piso 1957[1658]: 175)

O estudo mais detalhado do registro destes vocábulos tem revelado a sensibilidade destes autores também para as propriedades morfossintáticas da variedade da língua com que tiveram contato, ou que utilizaram nos seus registros. No exemplo acima, a menção de duas variantes diastráticas da designação sob descrição: *Amoré* e *Amoréa*. Ao lado de outras designações a partir dela formadas, *Amoré-Guaçú* [‘moréia grande’], *Amoré-Pixuma* [provav. corruptela de *pytuna*, ‘moréia escura’] e *Amoré-Tinga* [‘moréia branca’] (cf. Eduardo Navarro, *Dicionário da Língua Brasileira*, inédito), sugere a adequada compreensão de Piso do processo de formação vocabular da língua, cujo significado composicional pode vir explícito no próprio texto descritor, ou então, ser recuperado pelo historiógrafo através do exame do seu co-texto de enunciação.

Da mesma maneira, é possível observar um trabalho de descrição lingüística nas anotações que acompanharam as pranchas a óleo em que os artistas holandeses retrataram a flora e a fauna brasileiras. Boa parte dos nomes registrados no período que aqui designo Brasil-Holandês foi acompanhada dos equivalentes em Português, Holandês, ou mesmo outra(s) língua(s) da(s) qual(is) o autor tivesse informação, em um processo metalingüisticamente complexo, em que várias línguas, desenhos, imagens, cores e ilustrações contribuíram para ‘transcrever’, ou mesmo para ‘traduzir’ os novos referentes, como neste exemplo de Zacharias Wagener (1614–1668), não por acaso, um dos pintores da expedição holandesa que registrou minuciosamente em quadros elementos da natureza da região:

Panapanaò. Os portugueses também conferem a esse peixe o nome de “tiburão” [tubarão], ou seja, o *Haí* dos holandeses. Todavia, por causa de sua cabeça alargada e singular, perdeu esse nome e é chamado de “panapanaò” ou cornudo, isto é, que possui chifres. (Wagener 1997[1634-1641]: 30)

Configura-se, assim, o léxico como o nível privilegiado de representação da diversidade (etno-) lingüística no contexto do Brasil Holandês, o que não quer dizer que não tenha havido esforços para se encontrar soluções descritivas para a diversidade dos sons tal como percebida na fala, como no caso de Piso e Wagener, que registram diferentemente as formas a seguir, respectivamente, como: *capybara*, *papaj* e *tamoata*; e *capybára*, *papay*, *tamoatá*; ou como nos exemplos registrados pelo soldado e viajante holandês, Caspar Schmalkalden (? – c.1670): *ita* [ferro]; *itá* [pedra]; *aba* [cabelo]; *abá* [homem]; *pyra* [peixe]; *pirá* [cabelo].